

PODE TEOLOGIA SER CIÊNCIA?

*Érico João Hammes**

Resumo

A pergunta pela cientificidade acompanha a Teologia desde muito tempo. A resposta depende do que se entende por ciência, da capacidade da própria Teologia em adequar-se aos critérios exigidos e dos interesses em jogo. Uma compreensão da ciência como relação entre sujeito e realidade, supera a presunção de uma objetividade e neutralidade absolutas. A Teologia, em sua cientificidade própria, vinculada a uma comunidade é, no entanto, essencialmente livre. Como parceira de diálogo das demais ciências, pode contribuir na formulação da ética e do sentido de totalidade. Conclui-se situando a Teologia entre as ciências humanas hermenêuticas e como uma ciência de contraste. Tem seu objeto e método próprios também diante das ciências da religião.

Palavras-chave: Teologia; Teologia como ciência; Teologia e ciências humanas.

Abstract

The question on the scientific aspect follows the Theology since a long time. The reply depends on what it is understood about science, the capacity of the Theology in adjusting it to the demanded criteria and to the interests. An understanding of science as relation between subject and reality, surpasses the presumption of an absolute objectivity and neutrality. The Theology, in its proper scientific aspect, related with a community is, however, essentially free. As partner of dialogue with other sciences, it can contribute in the formulation of the ethics and the sense of totality. Thus the Theology is situated between human hermeneutic sciences and as a contrast science. It also has its own object and method compared with the sciences of the religion.

Key words: Theology; Theology as science; Theology and human sciences.

* Prof. Dr. da Faculdade de Teologia da PUCRS.

A Teologia é uma polêmica científica. No mais tardar desde Tomás de Aquino (séc. XIII), sabe-se que a *Sacra Doctrina*, como então se chamava, é ciência em sentido polêmico. A primeira questão (*Quaestio*) da *Suma Teológica*, dedicada à natureza da Teologia, em seu segundo artigo, discute especificamente a pergunta sobre a cientificidade da Teologia (cf. *STh* I, q. 1, a.2). Embora de perspectiva distinta da atual, não deixa de responder à objeção da falta de autonomia ante os princípios de fé, nos quais se baseia. Nisto, porém, segundo Tomás, a Teologia é parecida com a geometria e a música, ambas construídas a partir da aritmética. O advento das ciências positivas, contudo, radicalizou a pergunta pela cientificidade, com a exigência da verificabilidade. Doravante, ciência será fundamentalmente sinônimo de objetivação e controle.

Do Iluminismo para cá, sobretudo com a proclamação da separação e desvinculação da Igreja frente ao Estado, aparece um novo componente. O Estado não pode comprometer-se com assuntos de religião, e menos ainda de confissão. Como a Teologia, muitas vezes, não tem condições de situar-se fora do ambiente eclesial, foi retirada ou retirou-se dos sistemas oficiais de ensino e pesquisa. Em alguns países, por conseguinte, aceitam-se os estudos de religião, mas não os de Teologia. O fenômeno da religião é público e pode ser tratado em analogia com outras manifestações sociais ou culturais, enquanto a Teologia, por sua vinculação confessional, só seria acessível a iniciados.

Em contraposição, também as Igrejas muitas vezes se enclausuraram em seu mundo, não permitindo que a sociedade participasse de suas pesquisas. Embora aceitando ser a Teologia ciência¹, não raro a reduziram a um discurso interno, em diálogo

¹ A pergunta pela cientificidade da Teologia geralmente é abordada nas obras de introdução à Teologia. Insistindo na relação à Igreja e ao Magistério, no caso da Teologia Católica, nem sempre se deixa clara sua distinção essencial

apenas fictício com os interlocutores externos. Outras vezes, até mesmo a Teologia como tal é recusada, por representar um pretenso risco à fé. Ora, se nem mesmo a comunidade cristã dá espaço à liberdade de pesquisa, ou teme suas conseqüências, o caráter científico de sua Teologia está comprometido na raiz. Uma Teologia reduzida, ou uma Teologia sem liberdade, dificilmente pode argumentar a seu favor, em termos científicos, mesmo atendendo formalmente às exigências de método e rigor. Sem se entenderem como parte do todo maior e eximindo-se da responsabilidade pública, as Teologias assim reduzidas tendem a ser tautologias da própria fé e de seus sistemas de crença. Em seu auto-isolamento preferem dispensar a exposição de suas convicções ao debate, devido ao risco da liberdade de profissão de fé. Assim, nem sempre os verdadeiros motivos da resistência à inclusão da Teologia entre as ciências são de ordem objetiva. Preocupações de natureza estratégica, econômica ou prática, interferem nas decisões definidoras.

De toda maneira, a sociedade está em seu direito, quando, ao eleger suas prioridades, um determinado campo de saber não aparece como relevante. A definição de relevância, contudo, passa pela autocompreensão da sociedade. As escolhas baseiam-se no que pretende de si mesma, como se entende e se projeta no futuro, e como quer seus membros. Fazer escolhas econômicas ou científicas é escolher-se e definir-se em termos de valores, conceitos e modo de ser. Entram nessas opções percentuais de investimento, sistemas de ensino, filosofia educacional, objetivos estratégicos e assim por diante.

No momento em que, em muitos lugares, no mundo, a educação superior e a pesquisa estão passando por avaliações e transformações, também a Teologia precisa dar conta de si mes-

frete aos mesmos. Frequentemente observa-se uma tendência a limitar seu papel à explicação da doutrina, sem levar em conta sua tarefa criativa e dialogal.

ma. Sua situação, no entanto, não é igual em toda parte. Enquanto em vários países da Europa, e também de outros continentes, há séculos integra o quadro das ciências, participando da origem das universidades, no Brasil foi reconhecida apenas a partir dos anos 80, como pós-graduação, e, em 1997, como curso superior. Sua exclusão do quadro dos campos de saber oficiais, em vários países, com base na laicidade do Estado, tende a ser ampliada.

Para contribuir ao debate atual, presente nos âmbitos acadêmicos do Brasil, propõem-se aqui fundamentalmente três questões: Como está a situação da ciência? É possível entender a Teologia como científica? Haverá alguma contribuição relevante da Teologia para o mundo das ciências?

1 A pergunta pela cientificidade da ciência

Sem querer entrar na história da evolução do conceito, pode adotar-se como uma característica essencial da ciência sua habilidade de aproximação metódica e rigorosa da realidade, com vistas à sua apropriação para uso. Mesmo quando não se veja uma finalidade prática imediata, a aproximação da realidade quer, em última análise, capturar os aspectos relevantes de controle para servir ao ser humano, ao seu conforto, seu bem-estar ou à sua ilustração.

A partir dessa definição, a ciência aparece em sua característica de relação às coisas, objetos, que lhe garantem *objetividade*². Postula, essa mesma característica, a *verificabilidade* por outros sujeitos, e, em caso ideal, livre da influência de condicionamentos subjetivos e pressupostos não-verificáveis ou indemonstrados. Ao mesmo tempo que o sujeito (cientista) quer a-

² Desnecessário lembrar que essa objetividade é sempre uma aproximação mediada – epistemologicamente qualificada de realismo – e nunca uma coincidência com o real – realismo ingênuo – (cf., a propósito, LAMBERT, Dominique. *Ciências e Teologia: aspectos de um diálogo*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 26-32).

proximar-se do objeto, só poderá garantir a objetividade de sua aproximação (conhecimento), neutralizando sua qualidade de sujeito e seus pressupostos. Em outros termos, levado ao extremo, o ideal do conhecimento objetivo consiste na supressão do sujeito e da sua interferência na apreensão do que está fora dele. Ora, essa supressão significa a negação da própria finalidade da ciência, que consiste na relação de um sujeito com a realidade. A ciência absoluta significaria a impossibilidade de qualquer ciência pela negação do sujeito. Por conseguinte, a ciência é possível se, e tão-somente se, mantiver a tensão controlada e consciente entre sujeito e objeto.

O estágio atual de complexidade do real e da amplitude do conhecimento evidencia a fragilidade da pretensão de um conhecimento sem pressupostos. A interdependência nos processos de produção de conhecimento (grupos de pesquisa intercontinentais) exige uma relação de confiança para além da própria capacidade de verificação. As décadas recentes da pesquisa e desenvolvimento, no Brasil, demonstraram o quanto a auto-suficiência, o estreitamento de horizonte e a reserva de mercado podem prejudicar o avanço tecnológico. De outro lado, a simples competência tecnológica, isolada de critérios dialogados e acordados de uso, coloca em risco os próprios resultados da ciência. O enriquecimento de urânio, para fins bélicos, ou mesmo o abuso da energia atômica, para fins “pacíficos”, colocam a biosfera com todos os seres vivos diante de riscos iminentes (acidentes em usinas, submarinos, lixo atômico e assim por diante).

Dir-se-á que os próprios cientistas encontrarão o caminho para seu controle. E pode ser verdade. Albert Einstein, Bertrand Russell e quantos outros não aceitaram a simples transferência da fórmula ao laboratório ou do laboratório à indústria. No entanto, a subserviência ou a falta de percepção conduziu a humanidade à beira do colapso. Uma ciência descuidada do sujeito perde sua objetividade. Mais do que nunca a ciência hoje não pode conten-

tar-se em ver para crer. O ver pode ser fatal. A ciência carece de consciência³ para continuar sendo ciência.

A redução do conceito de ciência, a partir das ciências positivas, à verificabilidade e demonstrabilidade não é mais sustentável. Para ser e se manter como ciência, a ciência precisa mais do que ser positiva: precisa ser viável. A cientificidade consiste em aceitar a complexidade do ser humano em sua aproximação do real. A linguagem, o direito, a matemática, o pensamento abstrato, as tateantes hipóteses, para entender os comportamentos da economia e do mercado, são tantas outras formas de relação construtiva com a realidade.

Um segundo problema com o qual as ciências se deparam é a liberdade. Enquanto atividade humana, a ciência precisa ser livre para investigar e debater. A coerção ou a repressão inibem o sentido humano da pesquisa. Diferente é o problema do interesse⁴. Liberdade e neutralidade são categorias diferentes que têm papel distinto. Enquanto a primeira garante o desempenho livre da busca da verdade, a segunda suporia uma total inocência.

2 A Teologia como ciência

A questão da cientificidade da Teologia, no debate atual, depende, em primeiro lugar, de um conceito aberto de ciência, capaz de abranger áreas de pesquisa e metodologias diferentes das meramente positivas. A própria Teologia precisa aceitar as demais ciências como parceiras, abdicando da presunção histórica de superioridade frente aos demais campos do saber ou a um regime de tratamento excepcional⁵. Embora, no passado, gozasse

³ Cf. MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

⁴ Cf. HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

⁵ Por concordatas, pelo caráter confessional da instituição em que se encontra ou por interesses especiais do Estado, a Teologia muitas vezes reivindica ou

de certos privilégios, foi a Teologia quem soube compreender, antes das instâncias hierárquicas, a relevância dos métodos positivos de apreensão da realidade. Foi graças às mentes abertas e rigorosas, formadas na Teologia, e informadas do estágio de desenvolvimento científico, que os preconceitos e os juízos arbitrários puderam ser superados. Observa-se, com razão, que também as ciências modernas não surgiram em oposição à Teologia, mas como um caminho a mais para ler a obra da criação.

O problema da cientificidade da Teologia tornou-se agudo, no período iluminista, quando se pretendia garantir a total liberdade de investigação, rompendo com a tutoria eclesiástica. O Positivismo de Augusto Comte veio reforçar essa tendência, ao reduzir as ciências aos métodos positivos. A própria Teologia, ocasionalmente, se recusou a aparecer como ciência, por desprezar as ciências. Foi assim no início do Cristianismo e foi assim também na Reforma. Ora, a desqualificação da Teologia como ciência pode conduzir, paradoxalmente, ao desprezo de qualquer ciência. Na medida em que as comunidades humanas se entendem como totalidades, sua expectativa tende a incluir as várias dimensões da existência. Excluir a Teologia, como um dos momentos de reflexão, em sociedades onde a ciência era privilégio de poucos, tinha um impacto menor; mas, na sociedade atual, marcada pela pesquisa e desenvolvimento, a exclusão da Teologia corresponde à supressão de uma parte da vida. De outro lado, o seu reconhecimento atesta a inclusão da ciência na vida.

goza de um tratamento excepcional, eximindo-a ou impedindo-a de ser tratada como uma ciência entre as outras (cf. WILFRED, Felix. Teologia na universidade moderna. Qual especialização? *Concilium*, fasc. 315, p. 174-184, 2006, esp. p. 177).

3 De que maneira a Teologia é ciência

O problema de ser ou não ciência não é privilégio da Teologia. O questionamento do caráter de ciência, por razões diversas, atinge também a Filosofia, o Direito, Ciências Sociais e até mesmo a Medicina. Como foi dito acima, a primeira questão é aceitar um conceito de ciência suficientemente amplo, para dar conta da realidade e dos caminhos de apreensão da mesma.

No caso particular da Teologia, um dos argumentos mais comuns, que ainda hoje se ouvem com facilidade, seria o fato de estar baseada em crenças, ao contrário da ciência que procede mediante demonstrações. Ora, todo esforço da Teologia, em dois mil anos de história, consistiu sempre em distinguir-se da crença. A Teologia se define como *lógos da fé* e não como fé. A autoridade das suas conclusões e dos seus resultados vem da força dos argumentos e dos dados capazes de convencer, inclusive dando forma e sentido novos ao conteúdo do crer. Em sua origem, a Teologia quis ser um espaço para dialogar com o pensamento e a cultura circundante⁶. É verdade que, após o período áureo da Idade Média, especialmente na Modernidade, houve um isolamento em muitos lugares. Nem se deve esquecer, porém, que foi a partir da Teologia e do pensamento por ela influenciado que se desenvolveram os primeiros conceitos de direitos dos povos (Francisco de Vitória, na Espanha). Dependesse apenas das crenças, o Cristianismo colonial teria sancionado monoliticamente a empresa colonialista com todos os seus efeitos. De outro lado, a precariedade teológica e a subserviência às crenças mantiveram a legitimação do tráfico de escravos, quase sem críticas.

⁶ Cf., p. ex., HÜNERMANN, Peter. Was heißt es heute, Theologe zu sein? *Theologische Quartalschrift*, Tübingen, v. 183, p. 239-246, 2003.

4 Como qualificar, então, a cientificidade da Teologia?

Para ser reconhecida como ciência, na sociedade aberta e pluralista, de separação entre Igreja (religião) e Estado, a Teologia precisa dar conta de ao menos quatro condições: estatuto epistemológico próprio, liberdade de pesquisa, inserção científica e relevância pública. Em sua estrutura fundamental, Teologia expressa a relação entre a inteligência e a fé, ciência da fé. É um método de apropriação daquele aspecto humano chamado crença, enquanto dimensão existencial subjetiva e social, vivida e recebida, em sua relação com a sociedade e a realidade. Seu objeto imediato, a fé, no entanto, não é – como poderia fazer crer uma concepção apenas intelectualista – sinônimo de irracionalidade e sim de confiança em alguém, de fidelidade. É ato de racionalidade aberta e acolhedora, que não é apenas compatível com pesquisa, mas lhe é intrínseca e inerente, a exemplo de qualquer outra realidade humana.

Tecnicamente a Teologia se compõe de dois momentos: o momento da recepção e o momento da reflexão. A recepção consiste essencialmente em situar-se numa determinada comunidade de fé⁷. Esse momento dificilmente poderia ser considerado científico. A opção por uma determinada religião e confissão depende de fatores quase nunca demonstráveis. Sob esse ponto de vista, é comparável a escolhas e pertencas partidárias ou a escolhas de amizade e amor. A aceitação de princípios pré-teológicos, e que poderão ser ou não objeto de sustentação teórica, não é ainda, propriamente falando, Teologia. É na reflexão que se explicita o caráter de ciência da Teologia. Com a ajuda de métodos de pesquisa histórica, são estabelecidos criticamente os textos, por exemplo, que são tidos por normativos⁸. É o momento descon-

⁷ Ainda que de fato existam estudiosos de Teologia não-vinculados confessionalmente, por definição Teologia implica a confessionalidade.

⁸ Cf., p. ex., DUQUOC, Christian. *A Teologia no exílio*, p. 90-93.

trutivo, no qual o conteúdo da fé se desvencilha das armadilhas de irracionalidade ou da a-socialidade. Procuram-se as estruturas profundas que levam o ser humano a crer e significar a sua fé na linguagem do símbolo, do mito e do rito. Sem abdicar da linguagem religiosa, a Teologia é capaz de distinguir seu significado real da forma que o reveste.

Com critérios semelhantes, procura estabelecer uma primeira compreensão do texto em seu contexto histórico e social. Trata-se da leitura crítica e da interpretação, segundo as regras gerais aplicáveis. Servindo-se de conceitos elaborados com a ajuda da Filosofia, é possível ler e capacitar para a leitura e interpretação, conforme as exigências da realidade e em consonância com o sentido estabelecido cientificamente. Trata-se do momento reconstrutivo, no qual a circularidade hermenêutica entre as demais ciências e os textos (e crenças) estabelecidos criticamente produz uma nova compreensão da fé enquanto conteúdo e exigência prática⁹.

A segunda condição a ser preenchida pela Teologia, para responder por seu caráter científico, é a da liberdade de pesquisa. A ciência só pode existir na liberdade para estudar e investigar. De fato, sabe-se o quanto a liberdade pode ser condicionada, em todos os campos do saber: dotação de recursos, interesses políticos, ideológicos, e objetivos estratégicos. Exigir liberdade de

⁹ Essa posição, sugerida, entre outros, por C. DUQUOC, em termos de “escuta respeitosa” e “cumplicidade, sem comprometimentos” (cf. *op. cit.*, p. 100), coloca a Teologia no mesmo plano das demais ciências, nem acima, nem abaixo e nem em perspectiva privilegiada, mas em parceria dialogal. Dominique LAMBERT, como se verá em seguida, seguindo Jean LADRIÈRE (Ladrière, Jean. *A articulação do sentido*. São Paulo: EPU, 1977) propõe a relação em termos de articulação. Clodovis BOFF, nesse sentido, embora falando em diálogo, interlocução e relação democrática, parece ainda requerer um espaço especial à Teologia, na medida em que as demais ciências são “mediação” (cf. *Teoria do método teológico*, p. 358-389). O conceito de mediação é adequado como método de produção de conhecimento para a Teologia, mas não como relação com as demais ciências.

pesquisa para a Teologia não significa, então, total isenção de mecanismos limitadores. O problema que na realidade se apresenta, e lhe é peculiar, vem de sua vinculação à comunidade de fé. Como, no entanto, é a própria fé que exige a pesquisa, o cerceamento da liberdade, vindo da fé, revela-se contraditório¹⁰. A recorrente intervenção de autoridades eclesiais, e a eventual censura, não justificam a negação da liberdade em princípio, mas debitam-se a conjunturas mais ou menos favoráveis. Como em qualquer outra comunidade científica, também na Teologia, em tese, a busca da verdade, ou a compreensão de uma realidade, se faz coletivamente, sendo a rejeição de posições incongruentes um efeito da produção de evidências diferentes. A afirmação da liberdade de pesquisa, nas condições da sociedade atual, obviamente inclui a defesa do pluralismo teológico. Não se poder falar simplesmente de *a* Teologia, no singular. Teologia se caracteriza por uma atitude de diálogo envolvendo, não apenas confissões e religiões diferentes, mas também culturas e ciências distintas. Daí a pluralidade de Teologias, a exemplo do que ocorre quanto ao pluralismo em outras ciências.

A terceira condição de cientificidade da Teologia é a inserção científica. Exprime a relação Teologia e ciências. Em primeiro lugar, a Teologia participa do destino das ciências, como uma espécie de sintoma. Tradicionalmente, sua afinidade maior se dá com as humanas e, dentre essas, a Filosofia. A fragi-

¹⁰ Aqui poderiam aduzir-se as diferentes referências de documentos oficiais da Igreja Católica afirmando a liberdade de pesquisa em Teologia. Resguardada a unidade nas coisas necessárias, aceita-se a liberdade “na elaboração da verdade revelada” (CONCÍLIO VATICANO II. *Unitatis Redintegratio*, n. 4). À semelhança dos estudiosos de outras disciplinas “os teólogos gozam também da mesma liberdade” (JOÃO PAULO II. *Constituição apostólica sobre as universidades católicas*, n. 29). A liberdade de pesquisa é condição de avanço em base ao diálogo e disponibilidade para acolher a verdade (cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*, n. 11-12; comparar com n. 32-41, sobre o dissenso).

lização do reconhecimento destas envolve também aquela. Em segundo lugar, pode relacionar-se com as demais ciências. Pode propor-se um modelo de articulação em lugar de concordismo e discordismo¹¹. O modelo concordista da relação com as ciências consiste em fazer das ciências um caminho teológico imediato, ao estilo de provas matemáticas da existência de Deus. O modelo discordista separa os mundos das ciências positivas e teológicas, na forma de laboratório sem fé. Nesse modelo, o cientista pode ser uma pessoa de fé, mas esta fica do lado de fora. E a Teologia se esconde em seu próprio mundo, na melhor das hipóteses, julgando atos e atitudes sem conhecimento de causa. A atitude mais adequada da Teologia, como ciência, para com as congêneres, parece a de articulação, mediante a presença recíproca e o diálogo aprendente. Ao se relacionar com as demais ciências, a Ciência da Fé se deixa interpelar e pode contribuir, especialmente no âmbito do sentido e do alcance das pesquisas em curso¹². No momento atual, não se pode omitir a referência à contribuição no campo da Ética. Descartada qualquer pretensão monopolizadora, a Teologia é especialista qualificada para estudar e debater as implicações éticas da pesquisa e da tecnologia¹³.

Em conclusão, a Teologia, por seu método e conteúdo, está entre as ciências humanas, e pode ser entendida como uma ciência hermenêutica, na medida em que seu objeto são textos e tradições aceitos por comunidades humanas como normativos de

¹¹ Cf. LAMBERT, Dominique. *Ciências e Teologia*, p. 67-114.

¹² Felix WILFRED, a partir da crescente especialização nas demais ciências, assinala à Teologia especialmente a tarefa de busca de totalidade, de uma parte, em “estreita afinidade com a sabedoria” que “não pode absolutamente ser uma intrusa na universidade” e, a partir daí, a colaboração na busca do sentido, com a sensibilidade para os problemas da humanidade (cf. Teologia na universidade moderna: qual especialização? *Concilium*, fasc. 315, p. 180-184, 2006).

¹³ Como diz Clemens SEDMAK, “em tempos pós-teológicos, a Teologia pode legitimar-se fornecendo uma contribuição exemplar para a ética das ciências” (*Theologie in nachtheologischer Zeit*, p. 7).

sua existência¹⁴. Cabe-lhe a tarefa educativa de relacionar esses textos com a realidade e, com os recursos das outras ciências, mediar o diálogo entre as demais visões de mundo, garantir a paz religiosa, relativizar os absolutismos políticos, econômicos e sociais, e prevenir os fundamentalismos e a intolerância. É o que se poderia designar de papel universalizador da Teologia.

Ao lado desse papel, e talvez mais importante, seja uma outra contribuição da Teologia para as demais ciências: a de ser uma ciência contrastante. O conceito remonta a G. Lohfink, ao falar do Cristianismo como sociedade de contraste¹⁵. Ser contraste das demais ciências significa ter uma função reveladora, a exemplo do que acontece nas Artes plásticas ou na Medicina. O contraste pode servir para fazer ver aspectos – eventualmente doenças – da realidade que, de outra maneira, passariam despercebidos. O mundo desenhado ou implícito nas demais ciências pode ser identificado por essa ciência estranha que é a Teologia; a falsa universalidade, que exclui grande parte da população mundial ou esquece dimensões essenciais da vida; o estreitamento do tempo ao presente imediato e à geração atual, tudo isso são aspectos da realidade que a Teologia pode mostrar como sua contribuição específica. Assim, tendo seu objeto e método próprios, a Teologia, situada entre as demais ciências, participa de suas questões transcendentais internas e da responsabilidade de pesquisar as condições de uma sociedade construída sobre os

¹⁴ O caráter de ciência hermenêutica pode ser visto, de modo especial, em Claude GEFFRÉ, que fala em “virada hermenêutica da Teologia” (cf. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, especialmente, p.29-63; ver também *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989).

¹⁵ Cf. SEDMAK, Klemens. *Theologie in nachtheologischer Zeit*. Mainz: Matthias-Grünwald, 2003, p. 47-58. Para o conceito em Gerhard LOHFINK, cf. sua obra *Wie hat Jesus Gemeinde gewollt?* Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1993.

“valores da liberdade, justiça e dignidade humana” (UNESCO), com condições de futuro.

A partir do que se viu, evidenciam-se a especificidade epistemológica e a contribuição própria da Teologia, no contexto do debate recente com as Ciências da Religião. Ainda que materialmente os dois campos de conhecimento se sobreponham em muitos aspectos, os pressupostos, o método, as intenções e os resultados configuram sua especificidade própria. Sendo por natureza confessional – mesmo quando ecumênica e aberta ao diálogo inter-religioso (macroecumênica) – a Teologia elabora seus conceitos a partir da intimidade do ser humano e do seu destino. Dessa maneira, temas como Ética e sabedoria lhe são conaturais.

REFERÊNCIAS

DUQUOC, Christian. *A Teologia no exílio: o desafio da sobrevivência da Teologia na cultura contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2006.

NEUTZLING, Inácio (Org.). *Teologia na universidade contemporânea*. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.